

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde
Departamento de Nutrição
Trabalho de Conclusão de Curso

**“Acho difícil entender o rótulo”: A rotulagem nutricional na
percepção dos consumidores do Distrito Federal.**

Camila São Bernardo Araújo – 09/91279

Orientadoras: Renata Monteiro, Natacha Toral e Muriel Gubert.

Brasília, outubro de 2012.

“Acho difícil entender o rótulo”: A rotulagem nutricional na percepção dos consumidores do Distrito Federal.

Camila São Bernardo Araújo

Renata Alves Monteiro

Natacha Toral

Muriel Gubert

Resumo

Objetivo: Caracterizar a percepção de consumidores do Distrito Federal sobre a utilização e o entendimento acerca dos rótulos de alimentos industrializados no momento da compra.

Métodos: Foi realizado estudo qualitativo de pesquisa a partir de entrevistas individuais com 30 consumidores em 5 supermercados do Distrito Federal (DF), Brasil, no período de março a abril de 2012. As entrevistas foram gravadas no formato digital, sendo transcritas e analisadas no *software* ALCESTE.

Resultados: A análise lexical do ALCESTE deu origem a cinco Classes, divididas em dois Eixos. O primeiro Eixo se refere à utilização das informações dos rótulos, enquanto o segundo se refere ao entendimento das Informações Nutricionais. Muitas dificuldades de compreensão do rótulo, bem como desinteresse, foram observadas nos discursos dos consumidores, em especial na população menos favorecida socioeconomicamente. Assim, ficou evidente a ineficácia da rotulagem para auxiliar a população em escolhas alimentares mais saudáveis.

Conclusões: Para superar as dificuldades de entendimento e o desinteresse dos consumidores é fundamental o investimento em educação nutricional, para que a população brasileira possa realizar escolhas alimentares mais bem informadas e, assim, a rotulagem possa funcionar como uma ferramenta efetiva para auxiliar nas escolhas mais saudáveis.

Palavras-chave: rotulagem nutricional, entendimento, utilização, comportamento do consumidor.

"I think it's hard to understand the label": Nutrition labeling on consumer perceptions of the Federal District, Brazil.

Abstract

Objective: Characterize the consumers' perception of the Federal District on the use and understanding of food labels at the time of purchase.

Methods: We conducted a qualitative research from interviews with 30 consumers in five supermarkets in the Federal District (DF), Brazil, from March to April 2012. The interviews were recorded in digital format, being transcribed and analyzed in software ALCESTE.

Results: The lexical analysis of ALCESTE gave rise to five classes, divided into two axes. The first axis refers to the use of label information, while the second refers to the understanding of the Nutritional Information. Many difficulties in understanding the label, as well as disinterest, were observed in the speeches of consumers, particularly in socioeconomically underprivileged population. Thus, it became apparent ineffectiveness of labeling to help people on healthier food choices.

Conclusions: To overcome the difficulties of understanding and lack of interest among consumers is a key investment in nutrition education for the Brazilian population can make more informed food choices and thus the labeling can function as an effective tool to aid in healthier choices.

Key words: nutrition labeling, understanding, use, consumer behavior.

Introdução

O processo de urbanização no Brasil levou a uma série de alterações nos tradicionais estilos de vida da população, dentre as quais, mudanças no padrão alimentar e na prática de atividade física, conhecida como Transição Alimentar e Nutricional. Esse processo contribuiu para modificar o padrão de morbimortalidade do país, com a coexistência de doenças infectocontagiosas e carências nutricionais e o excesso de peso e as Doenças Crônicas Não Transmissíveis – DCNT (1).

Atualmente, os problemas de saúde relacionados com a alimentação, como o sobrepeso, a obesidade e as DCNT, estão aumentando devido ao elevado consumo de alimentos industrializados, ricos em gordura, açúcar e sal, associados aos baixos níveis de atividade física da população (1, 2).

Diante deste quadro, torna-se importante a presença de uma rotulagem adequada nos alimentos industrializados, tendo em vista que a rotulagem de alimentos possui a função de informação, visando auxiliar no estabelecimento de escolhas mais saudáveis (3, 4, 5).

A referência internacional sobre produtos alimentícios é o *Codex Alimentarius*, cujos objetivos são proteger a saúde do consumidor e assegurar práticas justas no comércio internacional de alimentos. No entanto, a rotulagem e as alegações de saúde presentes nas embalagens variam de acordo com a legislação de cada país ou bloco econômico (6). No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária é o órgão responsável pelas regulamentações sobre a rotulagem de alimentos (7, 8, 9, 10, 11), sendo estabelecida a rotulagem nutricional obrigatória no país em 2003, com a RDC nº 360 (12).

O estabelecimento da rotulagem nutricional obrigatória fornece informações para que o próprio consumidor possa realizar a comparação entre produtos alimentícios similares, a partir das informações presentes na embalagem e, assim, propiciar a oportunidade de escolha pelos alimentos mais saudáveis (3, 2). A obrigatoriedade da rotulagem pode ainda incentivar os fabricantes de alimentos a reformularem os seus produtos que estão no mercado, tornando-os mais saudáveis (6, 2).

Desta forma, é fundamental investigar como ocorre a utilização e o entendimento das embalagens de alimentos, com o intuito de avaliar as informações efetivamente apreendidas pelos consumidores, além de dificuldades e entraves encontrados pelos sujeitos. A partir disso, podem ser realizadas recomendações aos fabricantes de alimentos e aos órgãos reguladores sobre as necessidades do consumidor (13). O presente estudo teve como objetivo

analisar a utilização e o entendimento dos consumidores do Distrito Federal sobre os rótulos de alimentos industrializados no momento da compra.

O objetivo do estudo foi caracterizar a percepção de consumidores do Distrito Federal sobre a utilização e o entendimento acerca dos rótulos de alimentos industrializados no momento da compra.

Materiais e Métodos

Foi realizado um estudo qualitativo de pesquisa a partir de entrevistas individuais com consumidores em 5 supermercados do Distrito Federal (DF), no período de março a abril de 2012. A escolha dos locais das entrevistas foi baseada na distribuição da renda familiar mensal das 27 Regiões Administrativas (RA) do DF, segundo a Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios (PDAD), realizada em 2004 (14). As RA foram divididas em 5 grupos (A a E), levando em conta a maior concentração da renda domiciliar mensal. Desta forma, o grupo A conta com as RA que apresentaram maior concentração de renda (20 salários mínimos ou mais – US\$ 6150 dólares ou mais); o grupo B, com a concentração de renda de 10 a 20 salários mínimos (US\$ 3075 a US\$ 6150); o grupo C com concentração de renda de 5 a 10 salários mínimos (US\$ 1535 a US\$ 3075); o grupo D, com concentração de renda de 2 a 5 salários mínimos (US\$ 615 a US\$ 1535); e, por fim, o grupo E com a concentração de renda em até 2 salários mínimos (US\$ 615). A seleção das cidades em cada faixa de renda ocorreu de forma aleatória. Para cada cidade selecionada, houve então o sorteio de um supermercado vinculado à Associação de Supermercados de Brasília (ASBRA). A pesquisa ocorreu após a autorização expressa da gerência do estabelecimento.

O roteiro de entrevistas foi composto por questões abertas que visavam verificar a percepção e o conhecimento dos sujeitos quanto a importância, o entendimento e a utilização da rotulagem nutricional obrigatória e das informações presentes nas embalagens de alimentos industrializados em geral. Além disso, os sujeitos responderam a um instrumento que continha questões para o levantamento de dados sociodemográficos, como sexo, idade, estado civil, escolaridade, ocupação e renda, com o intuito de caracterizar o perfil da população entrevistada.

Os entrevistados foram selecionados por conveniência no momento em que estavam realizando a aquisição de alimentos nos supermercados participantes. Eles participaram voluntariamente, tomando ciência dos objetivos do estudo e assinando o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília – DF (protocolo 1).

Assim, foram entrevistados 30 indivíduos que foram incluídos por cumprirem os critérios de serem adultos ou idosos que realizassem as compras da família com frequência, além da residência na mesma cidade dos supermercados no qual faziam compras no momento da entrevista. Em cada supermercado foram entrevistados 6 indivíduos. Dos consumidores entrevistados, 60% (n= 18) pertenciam ao sexo feminino e apresentava uma idade média de 39,2 anos (DP= 12,6 anos). A faixa de renda familiar dos entrevistados ficou concentrada no valor de 1 a 3 salários mínimos – US\$ 307 a 922 – (n= 15; 50%), sendo que a renda familiar apresentou uma média de 4,8 SM (DP= 4,9 SM). A maioria estava empregada (n= 24; 80%), enquanto 10% (n= 3) encontravam-se desempregados. O estado civil mais frequente foi o casado e o concubinato (n= 17; 56,7%), seguido do estado de solteiro (n= 12; 40%). A maioria dos indivíduos possuía escolaridade até o ensino médio (n= 15; 50%), enquanto somente 30% (n= 9) possuía ensino superior. Não houve analfabetos entre os entrevistados.

As entrevistas duraram em média 15 minutos e o seu registro foi realizado por meio de gravações no formato digital, as quais foram transcritas em um texto único, dando origem ao *corpus* – material sobre o qual se fundamenta a análise (15, 16). Esse *corpus* foi submetido à análise lexical utilizando o *software* ALCESTE (versão 2012) (17).

O *software* ALCESTE utiliza uma série de procedimentos estatísticos para análise de dados textuais, baseando-se na coocorrência de termos em segmentos de texto, organizando os termos mais representativos, que são apresentados divididos em classes (16, 18, 19). Para isso, o ALCESTE opera em cinco etapas descritas resumidamente a seguir:

- (1) Segmentação do texto e codificação das palavras: o *corpus* é reconhecido como Unidade de Contexto Inicial (UCI), a partir da qual o é efetuada a fragmentação em Unidades de Contexto Elementar (UCE), definidas como segmentos de texto que contém uma ideia característica. Usando um dicionário interno, são diferenciadas as palavras com função puramente sintática (artigos, pronomes, advérbios, preposições e conjunções) das palavras analisáveis (verbos, substantivos e adjetivos), que são reduzidas ao seu radical;
- (2) Cálculo das matrizes: as formas reduzidas classificadas como analisáveis são cruzadas com as UCE do *corpus* formando matrizes. Esta análise visa obter classes de UCE que apresentam vocabulários semelhantes entre si, mas diferente das UCE de outras classes;

- (3) Classificação Hierárquica Descendente (CHD): a partir da parte estável dos resultados do cálculo de matrizes são determinadas as classes. Para isso, é realizado o teste de *Qui-Quadrado* (χ^2) para associação das formas reduzidas e das UCE às suas respectivas classes. Para ilustrar as relações entre as classes é apresentado o dendograma da CHD;
- (4) Cálculos complementares: são formadas as listas de formas reduzidas associadas a contextos e são identificadas as UCE mais características de cada classe, permitindo a contextualização do vocabulário de cada uma. É fornecido ainda o dendograma de Classificação Hierárquica Ascendente (CHA) para cada classe – a partir do cruzamento entre as UCE e as formas reduzidas características de uma mesma classe – permitindo visualizar a relação entre os elementos intraclasses;
- (5) Descrição das classes: realizada a partir da análise fatorial de correspondência e da CHA (20, 21, 15, 18, 19).

Os resultados gerados pelo ALCESTE foram interpretados com base nas palavras e UCE características de cada classe, levando em conta também as relações intraclasses.

Resultados

Segundo a análise de conteúdo realizada com a utilização do *software* ALCESTE, 97,1% do *corpus* do texto analisado, contendo as falas dos consumidores entrevistados nas Regiões Administrativas selecionadas, foi útil para a análise.

A partir da análise desse *corpus*, foi observada uma divisão das falas dos consumidores em 5 classes. Cada classe representa um agrupamento de conteúdos e temas abordados nas falas dos indivíduos em relação à rotulagem de alimentos industrializados e que dão sentido ao discurso. Em sua totalidade, foram encontradas 339 Unidades de Contexto Elementar (UCE), sendo necessária a ocorrência de pelo menos 27 termos semelhantes para definir uma UCE. Assim, a Classe 1 foi representada por 34 UCE (14% do corpus), a Classe 2 por 45 UCE (19% do corpus), a Classe 3 por 88 UCE (39% do corpus), a Classe 4 por 34 UCE (14% do corpus) e, por fim, a Classe 5 por 33 UCE (14% do corpus).

A Classificação Hierárquica Descendente (Figura 1) apresenta essas classes e seus respectivos tamanhos em relação ao número de UCE que as agruparam, bem como a relação entre estas classes. É possível perceber que os conteúdos e temas abordados pelos consumidores podem ser divididos em 2 grandes eixos – o primeiro, formada pelas Classes 1,

2 e 5, de forma que estas duas últimas encontram-se mais fortemente relacionadas, e o segundo eixo formado pelas Classes 3 e 4.

A especificidade e o tamanho de cada classe podem ser observados na Figura 1. É possível perceber que a classe 3 é a mais específica e de maior tamanho – já que está localizada mais acima e mais à direita no gráfico – apresentando discurso bem detalhado. Em contrapartida, a classe 5 é a menos específica e de menor tamanho.

Figura 1

Ao observar as características de cada classe separadamente, percebe-se maior enfoque a determinados termos e temas – o que, conseqüentemente, culmina na separação dos temas abordados em eixos.

O Eixo 1 expressa as falas dos consumidores sobre a utilização das informações dos rótulos, sendo que a Classe 1 remete à preocupação do consumidor com o prazo de validade e a conservação dos alimentos; a Classe 2, à utilização das informações dos rótulos no momento da escolha dos alimentos e a Classe 5, sobre a dificuldade dos consumidores para a utilização das informações constantes nos rótulos.

Já o Eixo 2 mostra as falas relacionadas ao entendimento das informações nutricionais, de forma que a Classe 3 remete à ideia de entendimento sobre os nutrientes declarados na rotulagem e a Classe 4, à ideia de entendimento sobre a própria tabela de informação nutricional obrigatória.

A análise fatorial, realizada a partir da correlação entre as classes e a frequência de incidência de palavras, permite visualizar as oposições e proximidades entre os elementos, tornando possível verificar as relações entre as classes, assim como sua interação por meio da representação em um plano cartesiano. Na análise fatorial (Figura 2), vale lembrar que quanto mais distantes estão os elementos dispostos no plano, menor a relação entre eles, e, da mesma forma, quanto mais próximos, maior é a relação entre os elementos. Contudo, a disposição de elementos em extremidades opostas no plano cartesiano, não necessariamente indica relação de oposição semântica desses mesmos elementos.

Figura 2

A partir da Figura 2, é possível observar forte correlação entre as palavras das classes 1, 2 e 5, havendo maior sobreposição entre as palavras das classes 2 e 5. Por outro lado, é

observada correlação negativa entre as classes 3 e 4 com as demais, ou seja, quanto maior é a presença de palavras dessas classes, maior é a ausência de palavras das outras três classes. Ainda, apesar da distância entre as classes 3 e 4, elas não apresentam nem correlações negativas nem positivas entre si.

Os dados apontam que as classes 1, 2 e 5 se relacionam, referindo-se ao tema da utilização dos rótulos, sendo que as classes 2 e 5 estão mais fortemente relacionadas entre si, já que tratam de assuntos bastante conexos – a utilização e a dificuldade no entendimento e na utilização dos rótulos, respectivamente. Além disso, a relação entre as classes 3 e 4 reflete os discursos sobre o entendimento das informações nutricionais – sendo a classe 3 a mais específica, remetendo às falas sobre o entendimento dos nutrientes.

A classe 1 explica 14% da variância total do *corpus*. As palavras com presenças mais significativas, observadas nas falas dos indivíduos, e com os maiores valores de Qui-Quadrado (χ^2) nessa classe são: ano, prazo, geladeira, mês, conservação, validade, durar, passando, vencer e hábito, com χ^2 variando de 49 a 18.

Vale destacar ainda, que as falas de três sujeitos foram muito relevantes para caracterizar e definir esta classe (χ^2 = 27, 8 e 6, respectivamente), como pode ser observado em alguns trechos de UCEs:

“O que dura um mês na geladeira, dura dois anos lá no freezer. Eu ponho as coisas no freezer e esqueço. Não me preocupo muito com data de validade não. [...] Não é zero absoluto, mas tá quase parado, sem proliferar tantas bactérias, esses negócios, então data de validade eu olho, mas se eu congelei ano passado, por exemplo, ainda acho que tá bom. [...] Se fosse antibiótico, aí tudo bem, é um negócio mais sério. Mas na comida, eles tem um prazo de segurança grande, então eles garantem o gosto, etc. E eu acho, eu tenho a impressão que muitas datas de validade são artificiais. Eles colocam já, assim, o negócio dura um ano e eles colocam de três meses, que é pro cara jogar fora.” (Sujeito 8, sexo masculino, 50 anos, solteiro, ensino médio, renda aproximada de 24 SM)

“Eu, primeiro, olho a validade. Aí se for algum produto que eu não tenha hábito de comprar, às vezes eu olho. Por exemplo, eu tava olhando esse produto aqui. Eu sei que ele tem um monte de conservantes, mas eu tava olhando mais ou menos, porque é comida pra minha filha e eu não gosto de dar pra ela essas coisas muito industrializadas. [...] A validade eu olho de praticamente tudo. Até minha filha já tem o hábito. Ela já pega o produto e vê se

ainda dá tempo de a gente comer.” (Sujeito 13, sexo feminino, 29 anos, solteira, ensino médio, renda aproximada de 2 SM)

Desta forma, pode-se perceber que as falas características da Classe 1 remetem à preocupação com o prazo de validade dos produtos industrializados – principalmente no momento da escolha –, bem como a forma e o tempo de conservação de alimentos, o hábito de utilizá-los, entre outros.

Ao observar as falas mais representativas para a Classe é possível observar certa desconfiança dos indivíduos quanto à veracidade e real necessidade do prazo de validade nos produtos industrializados. Além disso, existe a presença no discurso sobre a conservação dos produtos (sob refrigeração ou congelamento), que acaba interferindo em um maior prazo de validade para consumo destes.

Em contrapartida, algumas falas abordam sobre o hábito de olhar a validade dos produtos e sobre a importância da presença das informações nos rótulos para pessoas com patologias e para verificar se os produtos estão estragados e/ou dentro do prazo de validade.

Outro fator importante é a ausência do discurso sobre este tema entre os indivíduos entrevistados na RA com menor nível socioeconômico do Distrito Federal, o que pode demonstrar que as ideias abordadas na Classe 1 não são consideradas tão importantes para estes indivíduos no momento da escolha.

A Classe 2 explica 19% da variância total do *corpus* e está associada à utilização das informações dos rótulos. As palavras mais significativas para esta classe são comprar, uso, validade, costume, ingrediente, compras, fazendo, estou, prestar e supermercado, com χ^2 variando de 59 a 13. Além disso, destaca-se a fala de entrevistados da RA com menor nível socioeconômico do Distrito Federal para caracterização da Classe 2. Alguns trechos de UCEs com maior χ^2 , são apresentados abaixo:

“Agora essas colunas aí (das informações nutricionais), não sei. Quando eu estou fazendo compras, eu uso o rótulo sim. Com certeza eu olho muito isso. A validade, que é o principal. Os ingredientes. Se tiver açúcar eu não posso comer. Porque eu tenho diabetes, por isso que eu uso muito o rótulo.” (Sujeito 2, sexo masculino, 71 anos, casado, ensino médio, renda aproximada de 3SM)

“A validade eu olho. Se o produto não tá estufado, questão de que ele tá com problema se estiver, de repente tá estragado, se a lata não tá amassada. Isso tudo é mais básico. Aqueles

produtos que tem o lacre, verificar se tá o com lacre, isso aí eu tenho um cuidado maior. De uma forma geral é isso que eu costumo olhar. Em iogurte, carne, se tiver uma carne com aspecto mais escurecido eu não compro. Essa coisa que o olhometro olha bem rápido, e já sabe analisar, eu olho. [...] eu tenho uma filha que tem intolerância à lactose. Eu sei que os produtos pra ela são mais com soja, leite de soja, um chocolate à base de soja, uma coisa assim, mas isso é o máximo que eu vou olhar. Até porque ela não tem alergia nenhuma, então não tenho essa preocupação. Ficar olhando rótulo, não.” (Sujeito 10, sexo feminino, 34 anos, casada, ensino superior, renda aproximada de 3SM)

Com base nesses dados, é possível identificar considerações acerca da utilização das informações dos rótulos dos alimentos industrializados. Foi percebida maior utilização da validade e dos ingredientes do que da própria tabela de informações nutricionais. Isto se deve, talvez, ao fato de esses indivíduos não entenderem e, conseqüentemente, não saberem usar a informação nutricional, fato que fica evidenciado por meio do discurso dos indivíduos e também das palavras com ausência significativa – tem, trans, as, gordura, do, no, falar, sódio, proteína e saturada, com χ^2 variando de - 9 a - 5. Assim, estas palavras não são mencionadas quando há expressão nesta classe do entendimento sobre os nutrientes e as informações nutricionais.

O fato de a RA com menor nível socioeconômico do Distrito Federal ser bastante representativa nesta Classe pode demonstrar que essa população expressa de maneira mais forte a sua dificuldade quanto ao entendimento e o interesse sobre as informações nutricionais, o que ocasiona a utilização apenas de informações mais básicas – como a validade – resultando em uma utilização insuficiente dos recursos disponíveis para uma melhor escolha alimentar.

Além disso, vale destacar que nenhum indivíduo entrevistado na RA com maior nível socioeconômico do Distrito Federal manifestou ter dificuldade no entendimento ou preocupação com nutrientes e informações nutricionais.

A classe 5 explica 14% da variância total do *corpus* e expressa a dificuldade no entendimento e na leitura/utilização dos rótulos. As palavras mais significativas são letra, rótulo, ler, pequena, dificuldade, fica, difícil, significa/significado, entendimento e grande, com χ^2 variando de 63 a 18. Algumas UCEs representativas para definição da classe são apresentadas a seguir:

“Mas tem uns produtos que tinha que aumentar o tamanho da letra, porque fica difícil de ler.” (Sujeito 30, sexo masculino, 31 anos, casado, ensino médio, renda aproximada de 2SM)

“Ah, porque eu nunca me interessei por isso aí (informações nutricionais). Eu não sei o que é então não tem significado nenhum pra mim. Eu acho que não é tão difícil entender isso não. Mas é falta de interesse mesmo.” (Sujeito 20, sexo masculino, 34 anos, casado, ensino fundamental, renda aproximada de 2,5 SM)

Com base dos achados descritos acima, percebe-se uma dificuldade no entendimento e na utilização dos rótulos de uma maneira geral, evidenciado nas falas e nas palavras com presença significativa, as quais expressam alguma dificuldade no entendimento, no significado dos termos e na leitura de letras pequenas, principalmente. Entretanto, existem discursos que citam como dificuldade para utilização das informações dos rótulos o seu próprio desinteresse – pelo fato de a letra ser pequena, por desinteresse em buscar informações, falta de tempo, por não ter nenhum problema de saúde ou restrição alimentar e achar que não precisa usar essas informações, entre outros.

Além disso, algumas falas fornecem sugestões para que essa situação seja revertida, como, por exemplo, aumentar o tamanho das letras e fornecer informações mais simplificadas e acessíveis ao público leigo, o que poderia, até mesmo, despertar maior interesse nos consumidores.

Vale ressaltar ainda, que a RA com menor nível socioeconômico do Distrito Federal teve presença significativa para definir a classe 5 ($\chi^2 = 5$), o que pode sugerir que esta é a população que manifesta em seu discurso maior dificuldade em relação ao entendimento e à utilização dos rótulos dos alimentos industrializados, ou também pelo fato desses consumidores não perceberem que os rótulos dos alimentos sejam algo relevante para auxiliar sua escolha no momento da compra. Esta afirmação é corroborada ainda pelos achados na classe 2 e 3, nas quais os entrevistados desta região mostram que não utilizam as informações nutricionais, seja por dificuldade de entendimento ou por não perceber a relevância dessas informações.

A Classe 3 explica 39% da variância total do *corpus*, representando a maior classe dentre a totalidade. As palavras mais significativas são: gordura, trans, fibra, saturada, falar, as, proteína, são, carboidrato e boa, com χ^2 variando de 61 a 16. Algumas falas representativas para definição da classe são apresentadas a seguir:

“As gorduras, essas gorduras totais representam a quantidade total de gorduras que tem no produto, somando as saturadas e as trans. As gorduras saturadas e as trans não são boas. O sódio é o sal. As fibras são importantes pra ajudar o intestino a funcionar adequadamente.” (Sujeito 18, sexo feminino, 63 anos, casada, ensino superior, renda aproximada de 10 SM)

“Uma série de coisas eu já ouvi (das informações nutricionais), mas eu não lembro. A gordura saturada faz mal. As fibras são boas pro nosso organismo. O sódio eu não lembro.” (Sujeito 16, sexo feminino, 45 anos, casada, ensino médio, renda aproximada de 7 SM)

A partir desses dados, é possível perceber discursos acerca do entendimento dos rótulos, mais especificamente, dos nutrientes da informação nutricional. Existem falas de indivíduos que discorrem bem sobre cada nutriente e sua respectiva função, percebendo-se uma boa noção dessas informações. Entretanto, algumas falas mostram certa confusão e fornecimento de conceitos que não correspondem ao real, demonstrando também dificuldade no entendimento destas.

As palavras com ausência significativa – validade, comprar, olhar, mesmo, uso, aqui, nessa, coluna, pequeno e porção, com χ^2 variando de - 31 a - 6 – mostram que o fato de o indivíduo entender sobre os nutrientes não determina que ele irá utilizar essas informações no momento da compra dos alimentos. Muitas vezes o indivíduo entende os conceitos nutricionais separadamente, mas não sabe utilizar e interpretar a tabela de informações nutricionais. Apesar de o discurso dos indivíduos não retratar dificuldades para ler e entender os rótulos, como por exemplo, a presença de letras pequenas, o entendimento não determinou o uso das informações dos rótulos. Nem mesmo informações mais básicas como prazo de validade ou ingredientes são citadas.

A classe 4, associada ao entendimento das informações contidas na tabela de informação nutricional obrigatória, explica 14% da variância total do *corpus*. As palavras mais significativas para esta classe são porção, nessa, quantidade, coluna, tabela, informações, aqui, dieta, valor diário e das, com χ^2 variando de 61 a 24. Algumas falas representativas para definição da classe são apresentadas a seguir:

“Entendo sim (a tabela das informações nutricionais), a primeira coluna já tá escrito o que é, a segunda coluna é a quantidade por porção e a terceira coluna é a porcentagem, o valor diário, ou seja, o que pode ser consumido ao dia.” (Sujeito 18, sexo feminino, 63 anos, casada, ensino superior, renda aproximada de 10SM)

“Nessa coluna com as quantidades em gramas e tal, fala a quantidade de cada informação nessa porção aqui, em determinada quantidade do produto. Esse valor diário seria o percentual de cada informação, de cada nutriente, que tem nessa porção, com base no que a gente tem que consumir em um dia.” (Sujeito 11, sexo masculino, 25 anos, solteiro, ensino superior, renda aproximada de 5,5 SM)

Os dados apresentados permitem afirmar que as falas desta classe tratam do entendimento da tabela de informações nutricionais – o que cada coluna da tabela quer dizer, bem como o entendimento sobre porção, quantidade e valor diário, por exemplo. Da mesma forma que na classe 3, algumas falas demonstram saber utilizar e entender a tabela, enquanto outras falas mostram dificuldade em entender a tabela de informações nutricionais.

Além disso, existe a ausência significativa de alguns termos como gordura, saturada e fibra, ou seja, alguns nutrientes em si não aparecem nas falas, o que pode demonstrar que estes não são reconhecidos quando há manifestação do entendimento ou da utilização destes.

Ao comparar as classes 3 e 4, é possível observar que enquanto na classe 3 o indivíduo entende os conceitos nutricionais separadamente, mas não sabe utilizar e interpretar a tabela de informações nutricionais, na classe 4, ao contrário, os sujeitos talvez até entendam a tabela, mas não sabem conceituar e utilizar os nutrientes.

Discussão

A análise das entrevistas mostrou que no Eixo 1, as Classes 1, 2 e 5 demonstraram a importância da presença e da utilização das informações nutricionais, percebidas pelos sujeitos em diferentes aspectos. Já no Eixo 2, as Classes 3 e 4 revelam os entraves encontrados pelos consumidores para o uso eficiente dos rótulos.

É importante destacar que a centralidade do uso e do entendimento da rotulagem nutricional que foi ressaltada pelos sujeitos, está no prazo de validade e na conservação dos alimentos, mais do que associado ao valor nutricional em si – que é um dos principais objetivos da rotulagem nutricional obrigatória.

Isso evidencia a dificuldade de compreensão das informações nutricionais que constam nas embalagens, demonstrando uma contradição quanto à finalidade da rotulagem de alimentos – já que as informações presentes no rótulo deveriam descrever as características do produto com o intuito de informar o consumidor sobre o que ele pretende adquirir, mas que

acaba por distanciá-lo, não cumprindo seu objetivo pelo fato de não conter uma informação clara e acessível à população.

Na classe 1, é possível observar uma desconfiança quanto às informações referentes ao prazo de validade dos produtos industrializados – se são autênticas e se expressam um prazo real, já que a forma de conservação pode interferir diretamente neste parâmetro. Em relação à confiabilidade dessas informações, achados similares foram encontrados por Marins *et al* (2008), em que os entrevistados informaram não confiar no conteúdo dos rótulos, seja por acreditar que as informações são manipuladas, omitidas ou falsas, seja por achar que aquelas informações não sofrem fiscalização por parte dos órgãos competentes.

Por outro lado, na classe 1 ainda pode ser observada a importância atribuída à presença das informações nos rótulos, principalmente do prazo de validade, evidenciando, até mesmo, o hábito de utilização da validade em alguns discursos. Ao mesmo tempo, na classe 2 foi bastante citada a utilização da validade durante a aquisição dos alimentos, por uma grande preocupação em não comprar alimentos “estragados”. Em vários estudos o prazo de validade é o item que mais se destaca dentre os mais utilizados nos rótulos (13, 22), auxiliando a verificar a qualidade do produto que se deseja adquirir.

Os entrevistados discutiram a importância das informações dos rótulos, tanto nas preocupações no momento da escolha (Classe 2) quanto na preocupação com o prazo de validade e a conservação (Classe 1), quando tal escolha é associada a restrições médicas ou a necessidades alimentares específicas. Nestes casos, é extremamente importante a presença de uma rotulagem completa, clara e legível ao consumidor, para que o sujeito possa identificar se o alimento estaria relacionado à melhoria ou ao agravamento de alguma patologia preexistente (23, 22).

No entanto, no caso de indivíduos com alergias alimentares, o tempo que se gasta para realizar as compras é maior, já que este público é mais assíduo e minucioso na leitura quando comparado com um indivíduo que não tenha alergia, devido às dificuldades que enfrenta na rotulagem. Dentre elas, a utilização de termos ambíguos ou informações incompletas na lista de ingredientes, além da presença de termos como “pode conter traços de...” ou “contém frações...” de determinado alérgeno nos ingredientes – por exemplo, caseína, sem identificar que é um componente do leite – dificulta a realização de escolhas alimentares seguras e que pode afetar diretamente a sua saúde (23).

Na Classe 2 foi percebida a utilização das informações dos rótulos, principalmente da validade e dos ingredientes – sendo mais citado o uso dos ingredientes por sujeitos com DCNT, além dos portadores de alergias e intolerâncias alimentares. Essa preocupação com a

saúde é comum em indivíduos que apresentam alguma patologia específica, sendo observado em estudo de Souza *et al* (2011), que os consumidores consultam as informações nutricionais como uma forma de auxiliar no controle dietoterápico de DCNT.

O discurso associado à Classe 2, que trata da utilização dos rótulos, bem como das preocupações no momento da escolha dos alimentos, revelou que o hábito de ler o rótulo não é tão frequente, pelo fato de já conhecer ou confiar em determinada marca. Entre alguns dos motivos relatados na literatura para a não utilização do rótulo nutricional, estão a maior importância pelo sabor do alimento, do que de seu conteúdo nutricional; escolha dos alimentos de acordo, prioritariamente, com o preço; falta de tempo para leitura do rótulo e compra dos produtos baseada no hábito alimentar pré-existente. Por outro lado, muitas pessoas são motivadas a ler o rótulo na primeira compra de um alimento desconhecido. Contudo, apesar da leitura do rótulo, nem sempre o consumidor sabe quais as informações devem ser utilizadas para comparar e escolher produtos mais saudáveis (13). Em estudo realizado no Brasil com 250 consumidores, foi observado que cerca de 75% da população entrevistada apresentava o hábito de leitura dos rótulos durante a compra de alimentos, mas somente 17% destes utilizavam as informações com o objetivo de comparar produtos similares (3). Isso mostra que a utilização dos rótulos de alimentos se refere não somente à leitura, mas também à interpretação e avaliação crítica das informações ali contidas, para que a função da rotulagem nutricional seja atingida (13).

Em contrapartida à utilização, o fato de a tabela de informações nutricionais não ser muito observada nos discursos da Classe 2 pode significar uma falta de conhecimento sobre essas informações, já que são consideradas “confusas” pelos próprios sujeitos – muitos citam que nunca ouviram falar, que não conhecem ou que não sabem como as utilizar – refletindo em uma incapacidade de utilizar e entender as informações nutricionais.

Essas falas citadas foram muito frequentes em regiões menos favorecidas socioeconomicamente, em que a população entrevistada relatava utilizar os rótulos – mais especificamente a validade –, mas expressava uma grande dificuldade de compreensão das informações, o que consequentemente ocasionava no seu desinteresse, assim como na não utilização da rotulagem nutricional para auxiliar nas escolhas alimentares. Alguns estudos encontraram dados que ajudam a explicar esse fato, em que foi observado que, quanto maior o nível de escolaridade e a renda, maior é a utilização e o entendimento das informações dos rótulos, para subsidiar a escolha de alimentos mais saudáveis (13, 22).

Por outro lado, o discurso dos sujeitos entrevistados na área com maior nível socioeconômico, não apresentou participação nesta Classe. Isso porque, talvez, apresentem

maiores noções sobre a rotulagem sem, contudo, utilizá-las – o que vai de encontro aos resultados dos estudos citados.

Já na Classe 5 são identificadas as dificuldades dos consumidores, tanto acerca do entendimento quanto da utilização dos rótulos. Uma das principais reclamações é a presença de letras pequenas nas embalagens, o que dificulta a leitura e a visualização das informações que o sujeito busca (23). Além disso, a presença de termos técnicos ou em inglês levou os entrevistados a identificar a necessidade de um maior detalhamento e de uma melhor explicação das informações, tornando-as mais acessíveis ao público leigo.

Vale ressaltar também que a falta de informações fidedignas na rotulagem nutricional pode representar uma dificuldade na utilização dos rótulos, pois, além de afetar o consumidor, pode contribuir para o aparecimento de vieses em pesquisas sobre a estimativa de dados de consumo alimentar, assim como comprometer a identificação de associações entre fatores dietéticos e fisiopatológicos envolvidos com a obesidade e as DCNT (5). Na Classe 5, assim como em alguns discursos da Classe 2, pode ser observado o desinteresse de muitos consumidores interferindo na utilização das informações dos rótulos. Assim, as dificuldades encontradas pelos consumidores são o principal entrave para que eles utilizem as informações das embalagens dos produtos industrializados e adquiram, de fato, o hábito de leitura dos rótulos.

Em muitos casos, o obstáculo para se adquirir o hábito de leitura está relacionado com a dificuldade de compreensão das informações dos rótulos pela população, que pode ser atribuída aos termos complexos presentes nos ingredientes e nas informações nutricionais ou à utilização de linguagem técnica e pouco acessível para a maioria dos consumidores, gerando desinteresse pelas informações dos rótulos ou, até mesmo, descrença (4). Outro fator que contribui para a defasagem no entendimento dos rótulos é a própria legislação do país, que permite a utilização de palavras em inglês – para os *health claims* utilizados no marketing dos fabricantes – apesar de a maior parcela da população não conhecer os significados desses termos (24).

Já no eixo 2, as Classes 3 e 4 abrangem falas acerca do entendimento das informações dos rótulos, mas que não necessariamente determina a utilização das embalagens pelos consumidores. Além disso, os discursos dos sujeitos destas Classes mostram o conhecimento dos termos e da tabela de informações nutricionais, mas ao mesmo tempo mostram muitas dúvidas sobre o assunto, refletindo uma dificuldade no entendimento da rotulagem nutricional.

Ainda, o fato de a RA com menor nível socioeconômico do Distrito Federal estar ausente na Classe 3 – talvez até mesmo pelo baixo nível socioeconômico – pode demonstrar que a população não tem uma percepção de relevância das informações nutricionais para auxiliar na escolha de alimentos mais saudáveis.

Assim, para que a rotulagem nutricional seja instrumento de informação sobre alimentação e saúde, são necessárias medidas educativas acerca do assunto (3, 22), através de políticas públicas na área de educação e comunicação, por exemplo, para que a informação dos rótulos seja compreendida pela população (4) – visto que apenas a presença dos rótulos nas embalagens de alimentos industrializados não determina a sua utilização pelo consumidor (3).

Vale ressaltar ainda, que as medidas de educação nutricional devem possibilitar aos indivíduos a capacidade de realizar escolhas alimentares mais saudáveis e mais bem informadas, avaliando se o produto é adequado a suas preferências alimentares e necessidades nutricionais – principalmente quando o consumidor, ou familiar, é portador de alguma enfermidade relacionada com a alimentação ou quando ele está buscando o ganho ou a perda de peso (3, 4, 22).

Desta forma, torna-se importante que os fabricantes de alimentos assegurem aos consumidores o acesso a informações úteis, confiáveis, fidedignas, legíveis e acessíveis a todos os segmentos sociais, para que o rótulo possa cumprir seu objetivo de auxiliar o consumidor em suas escolhas alimentares, bem como auxiliar os profissionais de saúde na orientação nutricional (4, 5).

Além de uma educação alimentar e nutricional direcionada para esse assunto, é essencial que as informações dos rótulos sejam apresentadas de forma clara, legível e acessível aos consumidores, para facilitar a compreensão e a utilização, gerando escolhas alimentares mais bem informadas e que, conseqüentemente, possam promover benefícios, de fato, à sua saúde.

Referências

1. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira: promovendo a alimentação saudável. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.
2. Moser A, Hoefkens C, Camp JV, Verbeke W. Simplified nutrient labelling: consumers' perceptions in Germany and Belgium. *J Verbr Lebensm*. 2010; 5:169-180.
3. Monteiro RA, Coutinho JG, Recine E. Consulta aos rótulos de alimentos e bebidas por frequentadores de supermercados em Brasília, Brasil. *Rev Panam Salud Publica*. 2005;18(3):172-177.
4. Marins BR, Jacob SC, Peres F. Avaliação qualitativa do hábito de leitura e entendimento: recepção das informações de produtos alimentícios. *Ciênc Tecnol Aliment*. 2008;28(3):579-585.
5. Lobanco CM, Vedovato GM, Cano CB, Bastos DHM. Fidedignidade de rótulos de alimentos comercializados no município de São Paulo, SP. *Rev Saúde Pública* 2009;43(3):499-505.
6. Hawkes C. Informação Nutricional e Alegações de Saúde: o cenário global das regulamentações. Organização Mundial da Saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2006.
7. Brasil. Decreto-Lei nº 986, de 21 de outubro de 1969. Institui normas básicas sobre alimentos. *Diário Oficial da União*. Brasília, out. 1969.
8. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria nº 41, de 14 de janeiro de 1998. Aprova o regulamento técnico para rotulagem nutricional de alimentos embalados. *Diário Oficial da União*. Brasília, 21 jan. 1998.
9. Ministério da Saúde (Brasil), Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria nº 42, de 14 de Janeiro de 1998. Aprova o regulamento técnico para rotulagem de alimentos embalados. *Diário Oficial da União*. Brasília, 21 jan. 1998.

10. Ministério da Saúde (Brasil), Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 94, de 1º de novembro de 2000. Regulamento Técnico para Rotulagem Nutricional Obrigatória de Alimentos e Bebidas Embalados. Diário Oficial da União. Brasília, 3 nov. 2001.
11. Ministério da Saúde (Brasil), Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 259, de 20 de setembro de 2002. Regulamento técnico sobre rotulagem de alimentos embalados. Diário Oficial da União. Brasília, 23 set. 2002.
12. Ministério da Saúde (Brasil), Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 360, de 23 de dezembro de 2003. Regulamento Técnico sobre Rotulagem Nutricional de Alimentos Embalados, tornando obrigatória a rotulagem nutricional. Diário Oficial da União. Brasília, 26 dez. 2003.
13. Jacobs SA, Beer H, Larney M. Adult consumers' understanding and use of information on food labels: a study among consumers living in the Potchefstroom and Klerksdorp regions, South Africa. *Public Health Nutr.* 2010; 14(3):510-522.
14. Governo do Distrito Federal (Brasil); Secretaria de Estado de Planejamento, Coordenação e parcerias do Distrito Federal – SEPLAN; Subsecretaria de Estatística e Informações; Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central – CODEPLAN. Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios – PDAD – 2004 – dados agregados para o Distrito Federal e Regiões Administrativas. Brasília: SEPLAN; 2004.
15. Camargo BV. ALCESTE: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: Moreira ASP, Camargo BV, Jesuino JC, Nóbrega SM. *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa, Paraíba: Editora Universitária – UFPB; 2005. p. 511-539.
16. Lima LC. Programa ALCESTE, primeira lição: a perspectiva pragmatista e o método estatístico. *Rev Educação Pública*. 2008;17(33):83-97.
17. Reinert M. Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bull Methodol Sociol*. 1990; 26:24-54.

18. Nascimento ARA, Menandro PRM. Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estud Pesqui Psicol.* 2006;6(2):71-88.
19. Mazzonetto AC. Escolhas alimentares e comportamento de consumo: percepções de escolares da rede pública de ensino de Florianópolis, SC [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Nutrição; 2012.
20. Oliveira DC, Teixeira MCTV, Fischer FM, Amaral MA. Estudo das representações sociais através de duas metodologias de análise de dados. *R Enferm UERJ* 2003;11: 317-327.
21. Dransfield E, Morrot G, Martin J-F, Ngapo TM. The application of a text clustering statistical analysis to aid the interpretation of focus group interviews. *Food Qual Prefer.* 2004; 15:477-488.
22. Souza SMFC, Lima KC, Miranda HF, Cavalcanti FID. Utilização da informação nutricional de rótulos por consumidores de Natal, Brasil. *Rev Panam Salud Publica.* 2011;29(5):337-343.
23. Cornelisse-Vermaat JR, Voordouw J, Yiakoumaki V, Theodoridis G, Frewer LJ. Food-allergic consumers' labelling preferences: a cross-cultural comparison. *Eur J Public Health.* 2007;18(2):115-120.
24. Celeste RK. Análise comparativa da legislação sobre rótulo alimentício do Brasil, Mercosul, Reino Unido e União Européia. *Rev Saúde Pública.* 2001;35(3):217-223.

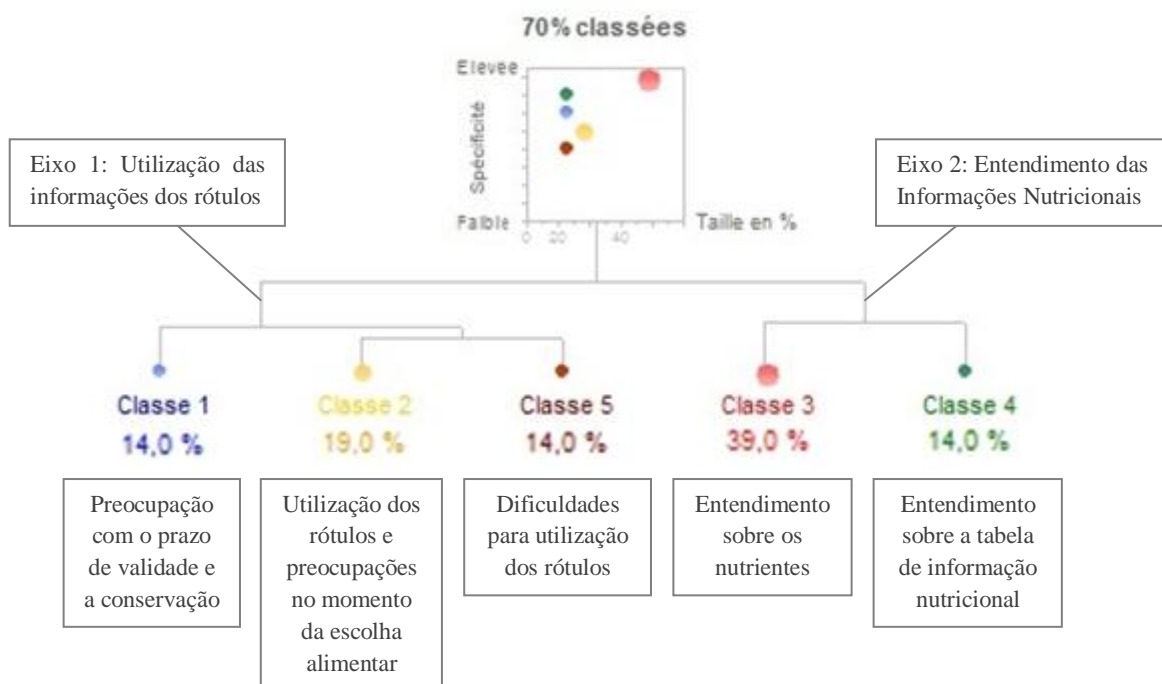


Figura 1 – Especificidade, tamanho e Classificação Hierárquica Descendente das Classes.

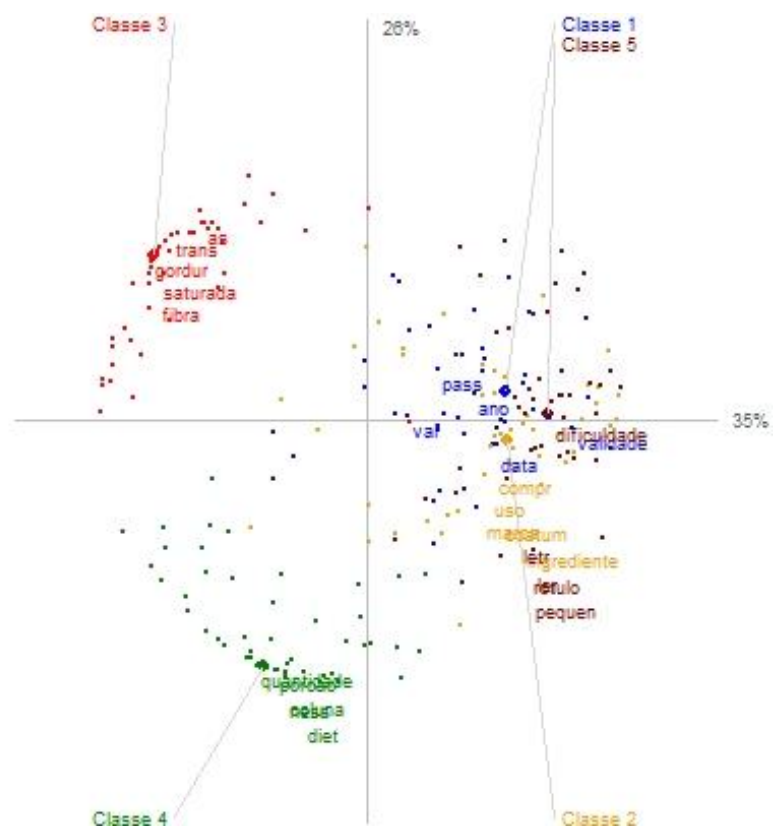


Figura 2 – Análise Fatorial de Correlações.

APÊNDICE

APÊNDICE 1: Protocolo 1 – TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre a utilização e o entendimento do consumidor sobre os rótulos de alimentos. A participação é facultativa e você tem o direito de interromper e descontinuar a entrevista a qualquer momento.

Essa pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Nutrição da Universidade de Brasília, que tem como objetivo analisar a utilização e o entendimento dos consumidores do Distrito Federal, sobre os rótulos de alimentos industrializados, no momento da compra.

Caso você aceite participar, será realizada uma entrevista, com questões abertas, que será gravada em meio digital. A entrevista tem duração de aproximadamente 20 minutos. Caso se sinta desconfortável para responder alguma das perguntas, você tem toda a liberdade para não responder ou desistir da participação da pesquisa.

Essa pesquisa não envolve qualquer tipo de situação que possa afetar a sua integridade física, seja com qualquer tipo de desconforto ou risco, e não há nenhum procedimento alternativo. Você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e é assegurado o sigilo do seu nome e das informações fornecidas durante a pesquisa.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios de comunicação de domínio público respeitando a confidencialidade dos informantes explicitada acima. Os papéis e gravações da entrevista ficarão sob guarda do pesquisador responsável e seu conteúdo não será divulgado de maneira individual.

Este TCLE se encontra redigido em duas vias, sendo uma para o participante e outra para o pesquisador; para informações sobre o andamento da pesquisa ou qualquer dúvida, entrar em contato com a pesquisadora responsável – Renata Alves Monteiro (61) 3317-1783 ou 9124-7400 / realvesmonteiro@gmail.com ou com o Comitê de ética da UnB – (61) 3107-1947 / cepfs@unb.br.

Sujeito da pesquisa

Renata Alves Monteiro
(Pesquisadora responsável)

ANEXOS

ANEXO 1 – Palavras com presenças significativas na classe 1.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
ano	49	100%
prazo	36	100%
geladeira	36	100%
mês	30	100%
conserva/conservação/conservado/ conservantes/conservo	30	100%
validade	28	39%
dura/durar	24	100%
passado/passando/passar	19	53%
vencer/venceu	18	80%
hábito	18	80%
data	15	63%
vai	13	38%
ver	13	56%
aquilo	13	67%
estragado/estragar	8	50%
negócio	8	50%
tempo	5	43%
alergia/alérgico	4	50%

ANEXO 2 – Palavras com ausências significativas na classe 1.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
sei	- 7	6%
do	-6	2%
*região administrativa 5	- 6	0%
isso	- 6	5%
gordura	- 6	4%
proteína	- 6	0%
carboidrato	- 6	0%
fibra	- 5	0%
alimento	- 5	3%
quantidade	- 5	0%
informações nutricionais	- 5	3%
sódio	- 4	0%
glúten	- 4	0%
trans	- 3	3%
saturada	- 3	4%
valor_diário	- 2	0%

ANEXO 3 – Palavras com presenças significativas na classe 2.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
comprar	59	65%
uso	35	72%
validade	22	43%
costume	21	86%
ingrediente	17	70%
COMPRAS	15	64%
FAZENDO	15	64%
ESTÁ	14	67%
estou	14	67%
presta/prestei/presto	13	100%
supermercado	13	100%
era	12	80%
*sujeito 26	12	80%
olhar	10	36%
*sujeito 17	9	67%
atenção	8	75%
Informações nutricionais	8	75%
bom	7	42%
*região administrativa 5	7	38%
*sujeito 27	5	60%

ANEXO 4 – Palavras com ausências significativas na classe 2.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
tem	- 9	12%
trans	- 8	0%
as	-7	7%
gordura	- 7	6%
do	- 5	7%
no	-5	7%
falar	- 5	6%
sódio	- 5	0%
proteína	- 5	3%
saturada	- 5	4%
boa	- 4	0%
mal	- 4	0%
*região administrativa 1	- 3	13%
eles	- 3	0%
letra	- 3	0%
fibra	- 3	7%
tabela	- 3	0%
entender/entendimento	-3	7%
carboidrato	- 2	10%

ANEXO 5 – Palavras com presenças significativas na classe 3.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
gordura	61	84%
trans	49	97%
fibra	36	89%
saturada	36	89%
fala/falando/falar/falaram	26	76%
as	25	66%
proteína	21	76%
são	20	70%
carboidrato	17	71%
boa	16	87%
intestino	16	100%
seu	14	100%
ajuda	14	100%
tipo	14	81%
ouvi	13	73%
sódio	13	75%
sei	12	54%

ANEXO 6 – Palavras com ausências significativas na classe 3.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
validade	- 31	2%
comprar	- 11	14%
olhar	- 7	20%
mesmo	- 7	13%
uso	- 6	11%
aqui	- 6	20%
nessa	- 6	11%
coluna	- 6	0%
pequeno	- 6	0%
porção	- 6	0%
às_vezes	- 6	15%
informações	- 6	7%
ano	- 5	0%
casa	- 5	0%
data	- 5	0%
dessa	- 5	13%
letra	- 5	8%
estragar	- 5	0%
difícil	- 5	0%
geladeira	- 4	0%
porcentagem	- 4	0%
*região administrativa 5	- 3	24%
dificuldade	- 3	10%
ingrediente	- 3	10%

ANEXO 7 – Palavras com presenças significativas na classe 4.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
porção	61	100%
nessa	52	72%
quantidade	52	62%
coluna	48	90%
tabela	42	82%
informações	39	47%
aqui	36	45%
diet/dieta	29	86%
valor_diário	28	67%
das	24	38%
cento	24	100%
grama	24	75%
seria	20	67%
da	19	71%
cada	18	80%
segunda	18	100%
percentual	18	80%
porcentagem	13	67%
glúten	8	35%
informação	8	42%

ANEXO 8 – Palavras com ausências significativas na classe 4.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
muito	- 9	3%
não	- 7	10%
são	- 7	0%
mais	- 7	6%
trans	- 6	0%
da	- 5	0%
olhar	- 5	4%
gente	- 5	4%
às vezes	- 5	0%
validade	- 5	4%
mas	- 4	8%
gordura	- 4	6%
comprar/compras	- 3	5%
fibra	- 3	4%
rótulo	- 3	0%
problema	- 3	0%
saturada	- 3	4%
ler	- 2	0%
letra	- 2	0%
saúde	- 2	0%

ANEXO 9 – Palavras com presenças significativas na classe 5.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
letra/letrinha	63	92%
rotulo	42	69%
ler	35	69%
pequena	31	78%
dificuldade	27	70%
fica	25	56%
difícil	25	75%
significa/significado	19	100%
entendimento	10	100%
grande	18	80%
dificulta	18	80%
deveria	16	63%
encontrar	12	75%
tamanho	12	75%
entender	11	34%
nenhuma	7	67%
interesse	6	40%
aumentar	4	50%
problema	3	29%

ANEXO 10 – Palavras com ausências significativas na classe 5.

Palavras	χ^2	% ocorrência da palavra
gordura	- 11	0%
calor	- 6	0%
de	- 5	9%
comprar	- 5	3%
fibra	- 5	0%
trans	- 5	0%
alimentação/alimento	- 5	0%
proteína	- 5	0%
saturada	- 5	0%
e	- 4	11%
tá	- 4	5%
ele	- 4	0%
que	- 4	12%
sódio	- 4	0%
glúten	- 4	0%
já	- 3	6%
boa	- 3	0%
dia	- 3	0%
mal	- 3	0%
sal	- 3	0%